

Introdução

Em Rm 15.1 o apóstolo Paulo se refere a crentes “fortes” e “fracos”. Para entender por que ele aborda essa questão precisamos conhecer qual era o contexto dos crentes originais, destinatários de sua carta. A igreja de Roma era formada por dois grupos muito diferentes, que viviam debatendo certos temas relacionados à conduta. Um deles era formado por judeus convertidos, que faziam questão de guardar dias sagrados e leis alimentares do Antigo Testamento. O outro, era formado por gentios convertidos, que se sentiam desobrigados dessas práticas. Em nossos dias, muitas vezes tendemos a avaliar a maturidade de um cristão pela quantidade de teologia ou doutrina que ele sabe de cor. Mas ao lermos Rm 15.1-7, vemos que a verdadeira maturidade espiritual não é um conhecimento teórico e individual, mas uma questão de relacionamento baseado na empatia, no serviço e na busca pela unidade. Às vezes os fortes terão que deixar de lado suas liberdades pessoais, pois elas não os fazem mais fortes. Na realidade, elas até prejudicam os fracos. Para resolver isso, os fortes devem se propor a agradar os irmãos mais fracos, em vez de agradar apenas a eles mesmos.

Renunciar a liberdades cristãs poderá requerer certas condições

Vale notar que Paulo não exige que os fracos se endireitem, mas que os fortes tolerem e os ajudem. Contudo, vale observar que renunciar a liberdades cristãs para eventualmente atender ao irmão mais fraco, deverá levar em conta pelo menos dois fatores.

a. O assunto deverá se limitar apenas a questões secundárias e não a princípios da fé cristã

Ou seja, para o bem do irmão mais fraco, o mais forte poderá eventualmente, renunciar ao uso de certas práticas ou direitos, que fazem com que seu irmão mais fraco tropece. Mas o crente forte não deverá renunciar a doutrinas básicas, como por exemplo, que a salvação é pela graça e não por obras. O que estava em pauta nas exortações de Paulo aos romanos, não era doutrina ou teologia, mas maturidade espiritual.

b. Devemos nos esforçar para agradar ao nosso próximo, mas apenas naquilo que edifica

O que fizermos terá que ser bom, tanto para o bem do outro, quanto para sua edificação (Rm 15.2). Da mesma forma que um pai sábio se recusa a ceder a todos os caprichos de seus filhos, o cristão sábio deve se recusar a ceder a todos os caprichos dos imaturos. Aqui, como em toda área da experiência cristã, não há fórmulas a serem seguidas, que nos digam quando devemos nos render e renunciar a algo, e quando devemos permanecer firmes. De qualquer forma, deverá ser uma decisão de fé, pela qual devemos pedir sabedoria divina. Paulo se dirige a cada um dos grupos instruindo-os na forma de conviver uns com os outros.

Qual foi o propósito de Paulo ao escrever a carta aos Romanos?

Essa epístola teve objetivos diferentes daqueles de outras cartas escritas pelo apóstolo Paulo. As cartas aos Coríntios e aos Gálatas, por exemplo, tinham como objetivo, corrigir problemas urgentes ou heresias das igrejas locais. No caso da epístola aos Romanos, é possível que Paulo tenha tido pelo menos cinco motivos para escrever essa carta.

a) Ele já havia coberto a parte oriental do Império Romano, mas faltava chegar à Espanha

Sua missão na região oriental do Império Romano, Grécia, Ásia Menor e Síria, já estava consolidada. Seu campo missionário, se estendia por cerca de 2.250 km, desde Jerusalém até perto da província de Ilírico (Rm 15.19), atual região da Bósnia e Albânia. O próximo passo era seguir para o oeste, e alcançar a Espanha, que na época, era considerada pelo Império como sendo o "fim do mundo civilizado" ocidental.

b) Para alcançar a Espanha, a igreja em Roma teria que se tornar uma base de apoio

Antioquia da Síria e Jerusalém estavam muito longe para servir como apoio a uma missão na Espanha, enquanto Roma estava a meio caminho.

Para que um projeto missionário se desenvolvesse na Espanha, a igreja em Roma teria que se tornar a nova base de apoio financeiro, logístico e espiritual de Paulo.

c) Roma era um ponto de passagem obrigatório para se alcançar a Espanha

Toda a rede de estradas romanas, que ligava o Oriente ao Ocidente, passavam pela capital do Império. Passar por Roma era estratégico para descansar, recrutar colaboradores e planejar a viagem.

d) A carta foi uma oportunidade de apresentar o evangelho de forma escrita

A igreja em Roma não havia sido organizada por Paulo e corriam boatos e distorções sobre sua pregação, por exemplo, que o crente podia pecar tranquilo porque a salvação era pela graça. Para os crentes em Roma se engajarem em evangelizar a Espanha, eles teriam que conhecer mais sobre Paulo e sobre o que ele pregava. Por isso, Romanos é um resumo sistemático e fiel do evangelho pregado por ele.

e) Essa carta foi também uma oportunidade para aproximar crentes judeus e gentios

Poucos anos antes, o imperador Cláudio havia expulsado todos os judeus de Roma (incluindo os judeus cristãos). Com isso, a igreja passou anos sendo liderada e composta apenas por gentios. Quando Cláudio morreu, os judeus puderam voltar e encontraram essa igreja com costumes, liderança e dinâmicas diferentes. Isso gerou atritos culturais e teológicos com os judeus convertidos, que retornaram àquela igreja. Paulo escreve também para mediar isso. Em sua carta ele vai mostrar que tanto crentes judeus quanto gentios deveriam acolher uns aos outros, pois todos haviam sido salvos por Jesus.

Conclusão

Os planos de Paulo para a Espanha acabaram sendo mudados. Ele vai chegar à Roma anos depois, não como um missionário de passagem rumo a Espanha, mas como prisioneiro a ser julgado pelo imperador romano. A Bíblia não confirma se Paulo foi realmente até à Espanha, mas a história e a tradição da igreja primitiva sugerem que sim. Dentro dessa narrativa, Paulo teria conseguido pisar em solo espanhol ao ser solto da primeira prisão, e antes de ser novamente preso e executado pelo imperador Nero, entre 64 e 67 d.C.

Ao finalizarmos essa série sobre Romanos destacamos algumas características do ministério de Paulo, que poderão servir de referência para nossa vida pessoal.

i. Febe, a “patrona” de Paulo, levou a carta até à igreja em Roma (Rm 16.1-2)

No final da carta, Paulo se refere à 36 pessoas, sendo 8, que estavam com ele, e 28 que estavam em Roma. Logo no início, há uma menção elogiosa à uma mulher de nome Febe, crente fiel, que congregava na igreja de Cencréia (cidade próxima à Corinto). Paulo confiou a ela a missão de levar, e provavelmente ler, o manuscrito da carta para a comunidade cristã em Roma. Febe foi patrona ou protetora de Paulo, pois ele declara isso em Rm 16.1-2. O importante é que Febe era vista por Paulo como "irmã em Cristo". Note que o ministério das mulheres na igreja romana é bastante evidente neste capítulo, dado que, dos 36 nomes mencionados por Paulo, 9, ou seja, 25%, são de mulheres proeminentes.

ii. Paulo elogia os crentes de Roma (Rm 15.14)

Ele conhecia o grau de maturidade desses crentes e expressa isso claramente. Uma aplicação desse fato é que muitos líderes sabem criticar, mas nem todos sabem elogiar seus liderados para incentivá-los e motivá-los. Elogiar de forma verdadeira é uma boa prática, que caracteriza bons líderes.

iii. Paulo avalia seu ministério (Rm 15.19-20)

O apóstolo sabia que suas vitórias até então, haviam ocorrido devido à graça de Deus e não por conta de suas habilidades e méritos pessoais.

iv. O ministério do apóstolo Paulo foi sempre calcado em princípios bíblicos

Ele foi um grande homem de oração, mas, não hesitou em pedir aos crentes que orassem por ele (Rm 15.30-32). Paulo sempre confiou na graça divina. Ele fazia seus planos, mas suas ações dependiam de Deus. Algumas vezes, teve que alterar o que planejou, mas isso não o impediu de ser alguém confiante nos propósitos divinos.

Concluindo esta jornada de 13 estudos, meu desejo é que as orientações da Palavra de Deus extraídas da Epístola aos Romanos, tenham sido motivo de inspiração e bênção para você.

Bibliografia

- Notes on Romans – Thomas Constable
- Romans, Book of - Holman Bible Dictionary